

FIOS DE SEDA

**GABRIELA SILVEIRA DE
PAULA-RAVAGNANI**

*Psicóloga, mestre em
psicologia, terapeuta de
família*

Resenha do livro: Macedo R.M.S. (org.). (2014). *Família e comunidade: pesquisa em diferentes contextos*. Curitiba: Juruá Editora.

Este livro, organizado por Rosa Maria Stefanini de Macedo, é fruto do trabalho conjunto dos professores participantes do Grupo de Trabalho Família e Comunidade, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). A obra apresenta uma coletânea de pesquisas realizadas em programas de pós-graduação em psicologia de diferentes universidades brasileiras, a partir da colaboração entre tais professores e seus orientandos de mestrado, doutorado e egressos.

Ainda que todas as pesquisas estejam vinculadas ao campo da psicologia, a diversidade de formação e atuação das autoras, bem como a multiplicidade de contextos em que a psicologia está inserida, faz com que este livro dialogue com um amplo conjunto de temáticas e campos de investigação, articulados com aspectos familiares e comunitários da vida em sociedade.

O livro apresenta pesquisas de diferentes mulheres (sim, vinte mulheres) que, a partir da inserção em diferentes âmbitos da vida social, propuseram investigações científicas que contribuem com novas diretrizes para a prática de pesquisa, implementação de políticas públicas e intervenções em instituições públicas e privadas. Deve ser lido por todos os profissionais envolvidos em práticas e/ou pesquisas compromissadas com a transformação social e que buscam lançar um olhar relacional para problemáticas que ocorrem no seio das famílias e comunidades.

A trama que entrelaça os dez capítulos da obra é o embasamento epistemológico das autoras nas propostas sistêmicas e relacionais. São estudos que oferecem a possibilidade de situar os problemas individuais, familiares e sociais como fruto de dinâmicas relacionais e padrões de interação que contribuem para a criação e manutenção de múltiplas situações de sofrimento, violência, rigidez e risco. Neste sentido, as investigações são perpassadas pela preocupação em (re)vitalizar o protagonismo dos sujeitos e grupos, tornando-os autores de suas próprias histórias de enfrentamento das situações de vida – sejam elas, a vulnerabilidade social, doenças crônicas, carência de qualidade de vida, violação de direitos, violência familiar, aprisionamento em papéis sociais e sexuais.

Para oferecer ao leitor um panorama geral desta coletânea, faço uma breve apresentação de cada estudo apresentado, ciente das reduções que este empreendimento implica, uma vez que aspectos importantes do delineamento e discussão dos estudos não serão contemplados – limite este que, por sua vez, reforça o convite à leitura da obra.

Elaine Pedreira Rabinovich e Maria Elisa Pacheco de Oliveira Silva iniciam o livro com um estudo sobre a violação de direitos das crianças. Compreendendo a família a partir de suas interações com as diferentes instâncias da sociedade, as autoras fundamentam-se na teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner para analisar e discutir cinco episódios de violação de direitos das crianças em contextos familiares. O estudo é uma importante contribuição à medida que tece um panorama crítico e reflexivo que permite olhar para contextos de carências múltiplas que, quando não favorecem, agravam situações de violência e negligência nas relações entre pais e filhos.

No segundo capítulo, Rosa Maria Stefanini de Macedo e Lígia Rosa Pimenta relatam um estudo realizado com famílias representantes de diversas favelas de uma região metropolitana e que vivem expostas a vulnerabilidades e riscos sociais. Propondo para estas pessoas conversas sobre diferentes aspectos socio-demográficos e da vida cotidiana (moradia, renda, composição familiar, escolaridade, enfrentamento de desafios, religiosidade, dentre outros), as autoras buscam levantar demandas de intervenção. O enfoque da pesquisa salienta a resiliência desenvolvida por estas famílias, e propõe quatorze elementos de intervenção que favorecem a busca por articulação da rede social dos grupos familiares, o fortalecimento de suas competências e o desenvolvimento de recursos para lidar com as privações a que estão expostas.

Sheila Regina de Camargo Martins e Rosa Maria Stefanini de Macedo descrevem uma pesquisa realizada na área de interface entre a psicologia e o direito. As autoras delineiam contribuições da teoria sistêmica e do construtivismo para a realização de avaliações psicológicas no sistema jurídico como forma de compreender padrões relacionais e inter-relações entre diferentes níveis sistêmicos que compõem as situações abordadas. Ao utilizar estas contribuições teóricas, espera-se que o profissional busque a contextualização dos conflitos em redes de relações, primando pela coconstrução de significados e auxiliando na busca de potenciais de mudanças.

Ceneide Maria de Oliveira Cerveney e Leda Fleury apresentam um estudo cujo objetivo foi desenvolver um modelo de intervenção social com dependentes químicos que possibilita a ressignificação das histórias vividas. Inseridas em uma casa de apoio a dependentes químicos, as autoras propõem encontros abertos com os residentes, familiares e pessoas da comunidade interessadas nos temas discutidos. Tais encontros foram denominados SER, o que entendo como uma alusão ao convite para que os participantes assumam a autoria e o protagonismo em suas próprias vidas, consolidando estas reuniões como contexto de convivência da pluralidade e encorajamento.

Lúcia Vaz de Campos Moreira e Ana Barreiros de Carvalho apresentam um estudo que teve como objetivo compreender e discutir a paternidade na sociedade contemporânea, entendendo-a como fenômeno inserido em questões culturais, históricas e de gênero. A partir das concepções de pais de diferentes níveis socioeconômicos, o estudo ilumina a premência do desenvolvimento de novos modelos de paternidade, que incluam funções antes exclusivamente delegadas às mulheres e que não mais correspondem às demandas cotidianas das famílias contemporâneas.

Na pesquisa de Márcia Stengel e Aline Luiza de Carvalho, as autoras tiveram como objetivo refletir sobre as vivências e expectativas afetivo-relacionais de ado-

lescentes vítimas de relacionamentos familiares incestuosos. As autoras partem de perguntas que questionam o que geralmente damos como certo na vida em família: quais são as repercussões quando a família não cumpre as expectativas de segurança, proteção, afetividade? E quando as vivências trazem a marca de ofensas sexuais a seus filhos? Como isto influencia os demais relacionamentos afetivos e sexuais destes filhos? As autoras analisaram as vivências de adolescentes nos âmbitos da amizade e relações afetivas e sexuais. O estudo é uma importante contribuição para o campo à medida que ilumina particularidades e aspectos que são, algumas vezes, pouco enfatizados por profissionais, educadores e cuidadores que lidam com estas realidades familiares.

Luziane Zacché Avellar e Marcela Tommasi Abaurre relatam uma pesquisa-intervenção realizada com o objetivo de criar espaços de fala e escuta para familiares e cuidadores de crianças e adolescentes comprometidos psiquicamente e que são atendidos em um CAPSi. Considerando as diretrizes de políticas de saúde mental, que preveem a corresponsabilidade da família na atenção e cuidados destas crianças e adolescentes, as pesquisadoras configuraram uma proposta que visa a produção de conhecimento em duas dimensões: por um lado, para que os participantes reflitam acerca de formas de cuidado e enfrentamento de desafios cotidianos acarretados pelo sofrimento familiar; por outro lado, são produzidos conhecimentos acerca de possibilidades de intervenção e cuidado de famílias responsáveis por crianças e adolescentes comprometidos psiquicamente. A pesquisa contribui para o campo ao oferecer um modelo de atendimento à família no contexto da saúde mental.

A pesquisa de Ida Kublikowski e Ana Carolina Pereira propõe um olhar sistêmico sobre o impacto do diabetes mellitus tipo 1 nas vivências relacionais de uma família com uma filha adolescente que apresenta complicações de saúde devido à não-adesão ao tratamento. Este estudo de caso analisa múltiplas dimensões das relações familiares, tais como o aparecimento da doença e seus impactos, relacionamento conjugal, comunicação na família, percepção do tratamento, monitoração judicial, relacionamento com a equipe de saúde, entre outros aspectos. O estudo aponta a necessidade de criação de redes de apoio e colaboração entre as equipes de saúde, família, paciente e sistema judiciário. As autoras também enfatizam a importância do desenvolvimento de protocolos de acompanhamento familiar de pacientes diabéticos, uma vez que os espaços de escuta oferecidos pela pesquisadora possibilitaram contextos de elaboração dos padrões relacionais, flexibilização da família e criação de recursos para lidar com desafios cotidianos.

A pesquisa desenvolvida por Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré, Ana Cláudia Wendt dos Santos e Scheila Krenkel foi realizada na interface entre os temas da violência familiar, gênero e redes sociais. As pesquisadoras buscaram compreender a influência das redes sociais significativas de mulheres que denunciaram a violência vivida na família. A análise realizada evidencia as diferentes formas de relação destas mulheres com suas redes familiares, comunitárias, profissionais, amigas e com a delegacia especializada em atendimento às mulheres. Além de apontar estas redes como cruciais para o processo de encorajamento da denúncia e enfrentamento de suas implicações, o estudo oferece subsídios para a criação de políticas públicas no âmbito da saúde, assistência social, segurança e resgate da cidadania. É uma pesquisa que busca, nas palavras das autoras, “revitalizar a ideia de trabalhar em rede e com as redes” (p. 213).

Por fim, Adriana Leonidas de Oliveira e Daiane Casagrande Lorencini relatam um estudo quantitativo cujo objetivo foi analisar as contribuições de 11 programas de intervenção para a saúde e qualidade de vida realizados junto à população adulta de uma cidade do interior paulista. A partir da concepção de saúde e qualidade de vida sob uma perspectiva multidimensional, as pesquisadoras analisaram o impacto destes programas sobre aspectos psicológicos, uso de medicamentos, independência para realização de atividades diárias, disposição para trabalho e lazer, entre outros. O estudo destaca a relevância destes programas a partir dos ganhos relatados no empoderamento e na capacitação dos participantes para controlar alguns determinantes de sua saúde, fortalecendo seu protagonismo em relação a ações de prevenção e cuidado.

Em síntese, este livro oferece subsídios teóricos e empíricos para práticas profissionais e científicas fundamentadas. A sensibilidade de cada autora nos convida a mergulhar nos distintos contextos pesquisados, constatando que cada cenário oferece a nós, profissionais, possibilidades de trabalhar com as congruências e incongruências, tensões e encontros, carências e competências.

Para concluir, remeto-me à metáfora que intitula esta resenha. Quando tocamos uma seda, esperamos a sensação daquele tecido macio, suave, prazeroso, confortável. Este resultado torna-se possível a partir do entrelaçamento de seus fios em uma trama que forma seus padrões, cores, texturas. Assim também podemos entender a vida social, fruto da organização dos diferentes elementos que compõem a sociedade e a cultura, e que permitem a criação da trama de nossa vida cotidiana.

E por que a seda?

Porque quando pensamos em condições de vida que promovem o bem-estar da população, os diferentes fios da trama social devem estar comprometidos com o fortalecimento das redes sociais, a criatividade e flexibilidade para lidar com situações adversas, e o empoderamento e protagonismo dos indivíduos e grupos para a superação das condições que geram e reproduzem desigualdades nos níveis macro e microssociais.

Como resultado, teremos contextos sociais tecidos pelo conforto da dignidade, pela maciez da autoestima, pelo prazer de ser respeitado e pela suavidade da resiliência. Estes são os fios que tramam as páginas deste livro.